

Anistiado político: JOÃO BATISTA ZACARIOTI

Data de nascimento:

No fim da Segunda Guerra Mundial eu tinha 15 anos. Era uma criança, mas era inquieto com a situação de Hitlerismo e a situação mundial de matança de Judeus. Isso me levou a ter contatos com a juventude do Partidão, do camarada Prestes.

Ingressei primeiramente como simpatizante, depois como membro da juventude começando assim minha carreira política.

Lembro-me que logo fizemos uma campanha muito bonita, a campanha do “Petróleo é Nosso”. Apanhei muito da polícia pichando muros à noite, a cavalaria vinha e dava “cacetadas”.

Nunca mais voltei a Uberlândia depois que vim cursar Direito. Lá tínhamos líderes comunistas de muito bom nível e muito corajosos.

Com Getúlio Vargas no poder, nunca entendi até hoje o porquê de eu estar fazendo pichações a favor do Petróleo é Nosso. Era intenção de Vargas criar a Petrobrás e a polícia dele nos prendia e batia.

Eu tinha 15 anos e a campanha do Petróleo é Nosso é de 1950.

Lince estive aqui, fez prospecção, fez o “diabo”, e chegou a uma conclusão. Conclusão entre aspas, pois a conclusão já tinha vindo pronta com ele, de que aqui não tinha petróleo.

Conversando recentemente com um amigo me recordei de ter lido um trabalho do Lobato, chamado “O Presidente Negro”, se não me engano. Ele previa que nos anos 40 as mulheres negras dos Estados Unidos dariam a luz a muitos filhos e as brancas não. Ele dizia que chegaria a um descompasso tal, que chegaria um dia que os votos Norte-Americanos elegeriam um Presidente negro. O Presidente está aí.

Vim fazer direito e aqui chegando a seccional do Partidão era brava, era lutadora.

Pedro Ludovico do outro lado era bravo para não deixar a situação sair do seu controle, mas sempre muito respeitoso com os líderes comunistas. De vez em quando escondia o Prestes por aqui. Ele tinha alguns membros da Coluna que participaram da vida pública goiana.

Os camaradas que eram perseguidos no Rio de Janeiro, em São Paulo vinham para cá e aqui eram bem recebidos.

Pedro Ludovico teve essa visão do problema, a criação de Goiânia já era um importante elemento para a vida brasileira.

Em 1958 saí de Goiânia no fim do ano, fui passar a virada de ano em Hardenberg.

Formei-me em Direito e fui me especializar. Chegando lá mudei de rumo, ao invés de fazer Direito Internacional Público, optei por Direito Administrativo Parte Geral. Convenci os alemães de me darem a bolsa. No pedido eu disse que Juscelino Kubitschek iria construir Brasília e que o canteiro de obras já estava montado, que quando ele comprometia a figura e a imagem dele, ele cumpria com a palavra, que precisaríamos de pessoas com conhecimentos em Direito Administrativo de bom nível e que eles eram os doutores no Direito Administrativo. Portanto, se pudessem me agraciar com uma bolsa seria muito grato e ajudariam o Brasil na constituição da nova Capital.

Disse ainda, que daria a mão ao Governo no sentido de se fazer uma administração condizente com a nova Capital.

Em Hardenberg fiquei da passagem do ano de 1958 até 1961. Houve um romance muito bonito quando fui para a Alemanha. Ela foi com os estudantes do último ano de Medicina, ela era médica pediatra. Eu ia em um navio que teve problemas e todos tiveram que trocar de embarcação, para que se pudesse cumprir o contrato. Havia um grupo de uns sessenta estudantes chilenos, que ao invés de fazer festa de formatura, faziam uma viagem cultural para o aumento dos conhecimentos. Troquei de navio e encontrei essa turma, onde estava a Edith. Ela era noiva de um jovem colega de curso que havia ficado no Chile trabalhando para a compra dos móveis para o casamento, e eu entrei de sola no noivado deles.

Quando cheguei da Europa eles (Mauro) já haviam tomado posse do governo. Fidel mandou um tal de Garaiter. Camarada Garaiter esteve aqui conosco e Clodomir Santos de Moraes das Ligas Camponesas, que trabalhou comigo no Chile. Ele falou que Fidel mandou um convite para que eu fosse visitar Cuba.

Falei com Mauro que tinha um convite do Fidel para que fosse visitar Cuba e perguntei se ele tinha alguma restrição, ele disse que não e que eu poderia ir. Fiz minhas malas, fui e fiquei lá por um mês. Cheguei em Havana fazia 4 ou 5 dias que a Praia Girón, na Bahia de Lós Cochinos, Bahia dos Porcos havia sido invadida. Os Cubanos ficaram muito gratos quando acabamos com alguns comícios da Direita em favor do Vietnã.

Nós aproveitamos um palanque que havia sido montado na véspera, lá alguém deu um grito muito forte e foi um corre-corre. Quando terminou a confusão, haviam vários pés de sapatos de mulheres que no corre-corre haviam ficado para trás. Subiu um “gajo” em nosso palanque e começou a falar mal da Revolução Cubana. Disseram-me que era da Polícia Federal, um desses provocadores profissionais. Peguei uma ripa, que segurava os fios de eletricidade da nossa espelunca que chamávamos de palanque, dei-lhe uma ripada na cara que ele cambaleou. Quiseram linchá-lo e fiquei apavorado. Fizemos um cordão de isolamento até que ele entrasse no Hotel Lorde e conseguimos colocá-lo dentro de uma lojinha que tinha ao lado e fechamos a porta de aço. Fiquei tremendo com medo de ser linchado.

O GOLPE

Acho que o Mauro pensou que a situação não iria se engrossar muito, e que ficando no Poder com a simpatia deles salvaria seus amigos. A mudança foi muito rápida e muito sem sentido.

O primeiro discurso após o Golpe inovou da gloriosa, redentora, feito por Adhemar de Barros.

Mauro fez um discurso realmente perigoso para sua imortalidade. Tenho quase certeza que ele tentou salvar os amigos. Porque, quando me chamou no gabinete, me disse que o problema era o seguinte, ele queria fazer um Governo Socialista, um Governo bacana e gostaria que eu aceitasse seu convite. Disse a ele que queria quinze dias de prazo para consultar meus parentes, meus amigos, as pessoas a quem eu tinha estima e ao esquema onde eu estava enquadrado. Ele disse que me daria os quinze, mais quinze. Consultei os meus amigos do Partido e todos foram unânimes dizendo que se eu deixasse aquela cadeira vazia se sentaria um malandro e que seria melhor que eu aceitasse. Fui mais ou menos pelo sacrifício. Ser governo, para quem nasceu na oposição era difícil, não era fácil. Participei, então, do Governo do Mauro.

Eu era funcionário de carreira na Assembleia, Consultor Jurídico, do Partidão até a queda.

Eu estava com uma porção de pessoas eméritas, comunistas e não comunistas fazendo um curso com Jacob Gorender, em 31 de março. Recebi a notícia do Golpe pensando que fosse uma mentira inventada para nos apavorar.

O camarada Prestes dizia mais ou menos assim, que nós não estávamos no Governo, mas governávamos e fazia apologia à isenção das Forças Armadas. Como Prestes era um homem que merecia todo o respeito, acreditávamos piamente no que ele falava.

Eu dizia que as Forças Armadas eram uma beleza, que todos nossos líderes do Exército quando não eram deles, eram a favor do povo.

Naquele dia um erro grosseiro que cometi me levou a chegar em casa.

Na mesma semana do Golpe fui aconselhado pelos amigos a desaparecer do mapa, pois podiam me pegar. Compadre Pedro Celestino da Silva Filho chegou de Brasília, veio aqui, sentou-se no sofá e me entregou uma lista que ele havia conseguido a cópia. Ele dizia que Emival Caiado viria aqui para pedir a prisão de todos os cidadãos citados na lista. Disse ainda, que eu poderia me preparar que eu era o segundo, ou terceiro da lista. Aquilo me apavorou. Na lista estava eu, Tarzan de Castro, Ari Demóstenes, Messias Tavares, gente de todas as procedências, mas uma tônica todos tinham em comum, eram de posição avançada.

Minha casa terminava com uns dois metros de profundidade a mais e havia um alpendre. Tocaram a campainha na boca da noite. Era tudo mato, só havia a casa da minha mãe de frente, que dava para a participação da civilização. Tocaram a campainha, pedi a Edith que desse uma olhada, ela olhou pelo vitrô, havia mais ou menos de quatro a cinco Jipes, todos eles com soldados do Exército com armas pesadas, metralhadoras, entre outras. Edith falou que era a polícia e que eram muitos. Saí na ponta do pé, pulei o muro dos fundos. No fundo havia um matagal, me saí muito bem por ali e fui até a casa do Maurício, meu irmão. Falei a ele que se estavam atrás de mim, estariam atrás dele também. Ele topou esconder-se.

Ele namorava uma moça filha do Valter Arruda, dessa grande família Arruda que tem aqui em Goiânia. Fomos até o futuro sogro do Maurício e dissemos que precisávamos nos esconder, e ele disse que era com ele mesmo. Levou-nos para uma chácara onde ele tinha

um longo esquema de habitação e ficamos instalados por mais ou menos um mês. Depois, o Arantes, de outra família amiga nossa, os Arantes, nos levou para a fazenda dele e nos deu guarita durante quase um mês. Foi assim, escorrega daqui, fuge dali.

PRISÃO

Um dia, quando volto do esconderijo, parecia que eles tinham uma araponga por aqui.

Eu estava em lua de mel com a patroa, eles entraram pelos fundos, cercaram tudo e levaram a mim e Maurício meu irmão, presos.

Chegamos no 42º Batalhão Militar, a coisa mais curiosa é que prenderam de dois a dois. Dois filhos do Desembargador Jardim, Ronaldo Jardim e o outro que não me recordo do nome.

O pai do Mário Roriz era o grande chefe da UDN, o que havia de mais reacionário em Goiás na época. Mário Roriz não sendo encontrado, seu pai foi a Juiz de Fora ver o que constava no prontuário dele. Havia tanta informação no prontuário contra Mário Roriz, invenções de quem não tinha o que fazer, que seu pai não aguentou tanta emoção e morreu de enfarto. Não me lembro com certeza se ele morreu em Juiz de Fora, ou no caminho de volta. Nessa altura eu já estava preso aqui em Goiânia, no 42ºB.

TORTURA

O Chefe de Polícia goiano, Rivadávia Xavier Nunes, aderiu de cara ao Golpe e passou a despachar juntamente com o Coronel Darcy de Sá da Cunha e Melo, que foi o homem que comandou, assessorado pelo Capitão Fleury. Capitão Fleury, que nas altas madrugadas quando saíamos para sermos torturados no meio do mato, dizia para baterem mais em baixo, dizia que éramos meio perigosos. Não sabíamos aonde seria a “porrada”, nos colocavam um saco na cabeça, ficávamos imobilizados, pois as mãos estavam algemadas.

Fui bastante torturado. Usaram comigo o método de afogamento em tina de água e choques elétricos, principalmente na genitália. Me enforcavam e quando a língua saía para fora aplicavam fios elétricos. Aproveitavam também a oportunidade para aplicar o “suplício do telefone” e quase me estouraram os tímpanos.

Não vi meu irmão apanhando, mas vi o Brocks.

Eles não tomaram conhecimento de que eu havia acabado de retornar de Cuba, nunca entendi isso. Queriam que eu contasse o que Paveoluto tinha de relacionamento com Mauro Borges. Eu disse que nunca havia visto aquele homem, que tinha acabado de conhecê-lo na cadeia e que ele era um maluco. Eles diziam que ele não era maluco e que estava fazendo onda, que ele um homem normal, inteligente, falava vários idiomas, diziam também que estávamos sonogando informações para a Pátria Brasileira e que éramos cretinos. Em boas contas eles fizeram o seguinte, criaram um esquema de espionagem

internacional. Paveoluto ficava em uma ponta, eu ficava na linha intermediária e Mauro Borges ficava em outra ponta.

Segundo eles, Mauro Borges teria roubado a fórmula da bomba atômica nos Estados Unidos. Eles me entregavam envelopes pardos grandes cheios de coisas cifradas. Eu entregava para o Mauro Borges que pegava aquele material e mandava para os chineses através da Polônia em São Paulo. Os envelopes iam com material de espionagem e voltavam com dólares. Por isso sou um cara rico. (risos)

Doutor Rômulo Gonçalves, falecido há duas semanas, fez uma brilhante defesa à minha pessoa na Corte Suprema em Brasília. Consegui com unanimidade ser solto, isso a uma e pouco da tarde. O Exército se fechou e não queria deixar, foi uma situação complicada. Lá pela madrugada do dia seguinte, assessorados pelo Embaixador Norte Americano da época, Lincoln Gordon, eles chegaram a seguinte conclusão: Haviam chegado a uma situação que se me soltasse todos iriam recorrer e ganhariam, criaram uma espécie de jurisprudência e a Revolução acabaria.

Eles me soltariam, mas teriam que resolver o problema. Soltaram-me, mas iriam me prender uns dois, ou três quarteirões abaixo da Unidade Militar onde eu estava. Ainda não havia contado sobre isso, fui recambiado juntamente com Tarzan de Castro, Paveoluto e outros. Paulinho Celestino que foi o organizador disso. Paulo de Tarso Celestino, que foi assassinado e seu cadáver nunca foi encontrado, organizou de tal maneira que tinham cerca de 15 a 20 carros de parentes e amigos nossos. Uma Kombi ficou com as portas abertas, eu iria entrar de um lado e sair por outro. Fizeram um fecha-fecha e não deixaram os “caras” manjados chegarem perto. Entrei por um lado, saí por outro, passei para um Fusca que saiu em disparada. Os “caras” estavam esperando que eu estivesse dentro da Kombi e foram atrás dela. A Kombi parou mais na frente, colocaram o foco da lanterna e com a arma disseram: Zacarioti desça imediatamente, não estamos de brincadeira. Os caras que estavam na Kombi falaram que eles poderiam olhar dentro e que eu não estava lá, eles concluíram então que tinham sido enganados. Saímos pela estrada em uma carreira, viemos de Brasília até Goiânia, chegamos o dia estava nascendo.

CLANDESTINIDADE

Fiquei no porão de uma casa que até hoje não sei bem de quem era, algum amigo nos emprestou.

O Dr. Jales Arruda se comprometeu a me levar para o Rio de Janeiro, porque alguns amigos do peito nessa hora tem pouca coragem e pulam fora, arrumam sempre uma desculpa.

A caminho do Rio, quando chegamos a Itumbiara nos demos conta de que ali moraria o perigo, eles estavam parando e olhando os carros. Tivemos que caminhar um trecho na beira do rio e conseguimos um canoieiro que nos cruzasse no Rio Paranaíba. O carro estacionou do outro lado. Tínhamos um código de piscar quantas vezes fosse o perigo, concluímos que não havia o perigo de nos levarem presos, porque não nos conhecia, não tinham nenhuma fotografia minha. Quando chegamos o cara nos perguntou para onde iríamos, pensei: “Estou fuzilado”. Eles tinham arreventado minha barriga com pontapés na última tortura, estava

todo enfaixado, estava morrendo de medo de tomar outro pontapé e morrer. Chegou um “gorilão” e nos perguntou se tínhamos uma vaga no carro. Dissemos que tinha e perguntamos o que ele desejava. Ele disse que queria que levássemos outro homem, disse que era gente boa, gente deles, que iria para Uberlândia.

Dr. Jales teve uma ideia genial e disse tínhamos uma imensa vontade de atender ao pedido dele, mas que iríamos à Chácara de um amigo nosso a dois quilômetros dali, inventou um nome qualquer e perguntou se ele conhecia, ele disse que não, agradeceu e disse que conseguiria com outro. A suadeira foi tamanha que eu estava com a roupa pregada no corpo.

Fomos até Uberlândia, minha terra natal. Tenho uns tios e tias por lá, ficamos lá por uns dois, ou três dias para descansar o sistema nervoso, pois ficamos com uma grande tensão, terrível. Edith foi à frente com um menino de uns oito meses na barriga e outro de um ano nos braços. Ela foi encontrar-se com o Embaixador Chileno no Rio de Janeiro, no tempo do Alexandre, que era um reacionário horroroso que não queria nem recebê-la. Ela disse que era casada comigo e que eu tinha direito a requerer a nacionalidade. Disse ainda que ela e um de nossos filhos eram chilenos, e que ele teria que resolver aquele problema. Foi um briga danada. No segundo, ou terceiro dia de briga dela com o Embaixador, ele resolveu me aceitar como exilado.

É bom que eu conte esse episódio para que sirva de experiência para os futuros exilados dessas nossas republiquetas. Eu estava na embaixada, e fiquei nervoso porque eles não forneciam o salvo conduto para que eu saísse do país. Quem teria que fornecer seria o Governo Brasileiro e o Governo Chileno em comum acordo. Pelejei para falar com o Embaixador, mas ele no máximo concedeu mandar o Largarine, que era um adido cultural.

Ele era um imbecil, soube que meu filho se chamava Krumaré, um nome indígena goiano, segundo me disseram de origem Carajá, e me perguntou se eu não achava que krumaré era nome de cachorro. Olhei bem para ele e disse: Senhor Largarine, não estou entendendo a pergunta, mas seu nome, Largarine, também não se parece muito com lagartixa? Rompi a conversa, tivemos uma briga danada, uma grande discussão dentro da Embaixada. Aquilo foi me irritando e o Milton, um jornalista carioca do Jornal Última Hora, disse que iria plantar umas mentiras em meia dúzia de jornais cariocas e disse que eu veria o resultado.

Ele “plantou” o seguinte: Fontes diplomáticas, que não quiseram revelar a origem, teriam dito que o Governo Chileno estava um pouco nervoso com a situação dos exilados na Embaixada, que seguramente o Governo Chileno faria uma representação ao Governo Brasileiro para liberarem os presos políticos que haviam conseguido o asilo e que estava meio complicado o relacionamento dos exilados com os funcionários da Embaixada. No dia seguinte veio à resposta: O Governo Brasileiro informando que havia sido um problema burocrático que havia atrapalhado não terem dado o salvo conduto, mas que em curto prazo ficariam livres daquele problema. Liberariam o Salvo Conduto para se verem livres dessa “cambada”. Três dias depois Milton veio com outra publicação, dizendo que a resposta do Governo Brasileiro não teria satisfizado ao Governo Chileno, mesmo porque falaram muita coisa e nenhuma providência havia sido tomada. Por sua vez o Governo Brasileiro informou que no outro dia, há tantas horas embarcariam os exilados políticos para Santiago, no Chile.

Fiquei um mês e oito dias na Embaixada.

EXÍLIO

Digo em tom de brincadeira, mas tem um fundo de verdade, eu caí para cima. Tentaram me arrasar, mas chegando ao asilo fui convidado pelas Nações Unidas a trabalhar em um projeto de Reforma Agrária no Governo de Eduardo Frei.

Fui solicitado para manejar a caixinha de exilados, que funcionava da seguinte maneira: Todo “cara” que chegasse tinha o direito a uma pensão, modesta, mas limpa e decente, com quatro refeições e uma cota em dólares para as pessoas que tivessem mais de dois, ou três filhos, para poderem ter dinheiro para o ônibus, entre outras necessidades. O exilado começava a trabalhar e dava a sua contribuição. Tivemos a felicidade de ninguém ficar em baixo da ponte. Os chilenos tiravam o emprego de seus compatriotas para nos fornecer.

A situação não ficava muito registrada porque eles entravam pelo Uruguai sem a carteira de identidade. Com a carteira de identidade não era necessário ter passaporte. Passavam pela Argentina, o Militarismo havia explodido pó lá, estavam matando muita gente, eles iam a pé até a Cordilheira e entravam no Chile. Esse foi um exilado que não existiu pelo ponto de vista da legalidade e das estatísticas. Soube que na época havia mais ou menos 5.000 (Cinco Mil) famílias exiladas.

Lá tínhamos uma vantagem, o Governo era realmente de esquerda, bom, solidário e tinha a Cordilheira que nos dava proteção e trazia dificuldades para a espionagem brasileira.

Eu era muito amigo do Eli Brasiliense, Carmo Bernardes e Bernardo Elis. (Bernardo Elis que inclusive fez uma coisa que me trouxe fortes emoções. Perguntou-me se eu poderia ler o original de “O Tronco” que ele havia escrito, queria que eu lesse e apontasse algum possível deslize. Peguei com as duas mãos uma honraria deste tamanho. Apresentei uns dez, ou doze probleminhas de menor quantia, ele aceitou quase todos, só não dois, e ele tinha razão.)

Tivemos fatos importantes como a chegada do Geraldo Vandré. Geraldo Vandré nos deu dor de cabeça. Ele chegou, apertou a campainha (não me lembro se Paulo Freire, ou Paulo de Tarso, me chamou pelo telefone dizendo que iria chegar uma fera), sentou-se no sofá, colocou a ponta de sua sapatilha no calcanhar do outro pé e a tirou, jogou para cima, a sapatilha bateu na parede e caiu. Olhei para seu rosto ele não se transfigurou, achando que estava fazendo algo normalíssimo. De repente fez a mesma coisa com outro pé e disse que precisava de não sei quantos dólares por mês. Disse a ele que ali a coisa era diferente, que dávamos o que podíamos. Disse ainda que quando ele começasse a trabalhar teria que dar uma porcentagem de seu salário, que era o que todos faziam. Ele disse que depois discutiríamos sobre isso. Perguntei se ele havia sido muito torturado, ele disse que não e que havia saído com medida preventiva, aconselhado pelos amigos. Então, essa história do Geraldo Vandré ter ficado maluco de tanto apanhar não é verdadeira. Ele já era meio maluco, e a pressão de ter sua música eleita como a melhor de um festival na época, fez com que ele ficasse “desbaratinado”.

Minha posição no governo (do Chile) era muito boa, eu era assessor da FAO. Como assessor da FAO era raro um pedido que fizesse que não fosse atendido. Conseguimos colocar muitas pessoas na Corporação da Reforma Agrária e também no ICIRA - Instituto de Reforma Agrária onde trabalhei. Na verdade pouquíssimos companheiros ficaram

desempregados. O mandato era de sete anos, então logo terminou o Governo do Frei e veio o Governo do Allende.

Havia contradições de todos os tamanhos, uma das que mais me impressionava era que o sobrinho do Allende era um dos chefes do MIR e queria derrubar o Governo do próprio tio. De forma que não sabíamos como ficar diante dessa situação em que o sobrinho do homem trabalha conosco e quer derrubá-lo. O “velho” estava correto, fazendo um governo de “conservação” nacional e o sobrinho trabalhando na outra ponta para derrubá-lo.

O MIR tinha, como tem até hoje, um comportamento meio trotskista. O trotskismo para mim não é uma posição política, é um estado de espírito. Os trotskistas com os quais eu militei e convivi são todos muito parecidos têm uma pressa para resolver os problemas. Ninguém pode passar na frente deles que eles passam por cima.

Não cheguei a ser preso no Chile, mas ia visitar alguns deles, o Brocks, por exemplo, não esse daqui, um médico. Nós íamos até o Estádio Nacional levar algo para essas pessoas comerem. Tinham pessoas que pegavam a casca da laranja e colocavam de molho. No último domingo antes do Golpe houve uma partida de futebol e havia muita casca de laranja. Eles descobriram que colocando as cascas de molho elas ficavam mais macias, mais mastigáveis. Contamos isso quase como piada, mas a situação era feia. O ácido da casca provocava uma acidez terrível

Mauricio, meu irmão, fez uma negociação com Capitão Fleury, que ministrou a minha tortura. Esse povo depois fica bonzinho, viu? Ele negociou da seguinte forma: Quando eu voltasse entraria em contato com Fleury assim que chegasse em Território Nacional. Mediante a isso, Fleury faria um informe para o Serviço Secreto do Exército, da Aeronáutica, da Marinha, dizendo que eu havia entrado com o respaldo dele. Pensei: Para quem estava desesperando, na América Latina não tinha para onde fugir. Mandeí uma carta para o Governo do Equador dizendo que trabalhava em um projeto de Reforma Agrária muito bonito, perguntando o que achavam de eu trabalhar em um cargo semelhante no país deles. Eles toparam a parada de cara e ainda davam uma Carta de Medicina para Edith trabalhar.

Fiz as malas para ir para o Equador e nas vésperas falei que estava era com saudades da minha terra. Se tivesse que ser agarrado por uns desses gorilas Latino-Americanos que fosse da minha terra natal. Era bobagem minha, porque o negócio era se esconder. Troquei a passagem e vim para o Brasil. Desci em Assunção, no Paraguai. Lá tinha um amigo que havia feito um curso de Economia no Chile, casado com uma chilena, ele me ajudou a conseguir que me colocassem do lado de cá da fronteira do Brasil, em Foz do Iguaçu. Cruzei sem nenhum problema e vim parar em Goiânia.

Chegando em Goiânia, Fleury mandou me chamar e disse que havia atualizado tudo, mas que, a partir daquela data, eu não pensasse em participar de reuniãozinha de Partido, porque ficaria ruim pra mim. Disse ainda que se eu tivesse um bom comportamento não me aconteceria nada. Passaram-se alguns dias, Fleury mandou me chamar. Já pensei que viria alguma coisa e começaria tudo de novo. Cheguei e perguntei o que a Excelência desejava, ele disse que esteve pensando bem e que se eu quisesse trabalhar com eles, eles ficariam muito gratos e que eu acabaria recuperando meu emprego. Eles baixariam um decreto na Assembleia para que eu voltasse a dar consultoria jurídica, mas eu teria que trabalhar com eles e colher as informações que eles precisassem. Olhei bem para a cara dele, para aqueles

olhos verdes que ele tem, e disse que o problema era que eu chegava em casa, enfrentava meus filhos, olhava para eles e nunca tinha tido vergonha de ser pai deles, e não seria agora depois de tudo que passei que mudaria de rumo. Disse que ficava grato, mas que conseguisse outra pessoa que pensava como ele. Nessa altura da conversa, ele passou a mão por debaixo da mesa, apertou um botão e fez “treck”. Eu não sabia se ele estava ligando ou desligando alguma coisa, e fiz uma piada com ele. Disse: Capitão, a última vez que o senhor esteve lá em casa, naquela madrugada que o senhor se lembra bem, o senhor me levou preso e agora gostaria que me desse uma viagem de volta pra casa em uma viatura da Polícia Federal. Ele disse que faria isso com muito prazer, chamou uma pessoa, pediu que me trouxesse um café e me levasse aonde eu determinasse. Era um cinismo tamanho, querer me comprar assim, com um emprego daquela natureza, transformando-me em dedo duro oficial.

Por incrível que pareça, ganhei no Judiciário a volta ao trabalho. Tem até uma quantia de R\$ 1.200.000,00 (Um Milhão e Duzentos Mil Reais) que eles têm que me pagar. Está no precatório e não irei receber isso nunca, por causa da minha figura, se fosse “filho de papai” recebia.